

João Paulo Oliveira e Costa

D. MANUEL I

1469-1521

UM PRÍNCIPE DO RENASCIMENTO

TEMAS E DEBATES

Sumário

Nota prévia	13
Nota introdutória	
— O homem e a história	15
— A biografia — género histórico	16
— Referências	18
Preâmbulo — A memória de um destino singular	21
PARTE I — <i>O VENTUROSO</i>	
Toledo, 29 de Abril de 1498 — <i>El-rei e príncipe</i>	36
Capítulo 1 — Os duques de Viseu	42
1.1. D. Fernando, um grande de Portugal e da cristandade	42
— Os primeiros anos	43
— Sob a égide da Ordem de Santiago — a herança do sogro	44
— Forjando o próprio destino — o duque de Beja	46
— Sob a égide da Ordem de Cristo — a herança do pai adoptivo	50
— 1460. Um parecer sobre a Expansão	53
— D. Fernando e Marrocos	57
— Sonhos de grandeza	58
1.2. D. Beatriz e o governo da casa de Viseu	60
— A sucessão de D. Fernando	60
— A acção governativa de D. Beatriz	62
1.3. A casa de Viseu e a guerra de 1475-1479	65
— A primeira guerra ultramarina	65
— Alcântara, Março de 1479 — negociações no feminino	67

Capítulo 2 — A roda da fortuna	71
2.1. A infância	71
— D. Manuel, herdeiro da casa de Viseu	71
— Primeiros servidores	72
2.2. As terçarias de Moura	74
— Desconfianças mútuas	74
— Moura, 11 de Janeiro de 1481	76
— Um pequeno aristocrata segundogénito	77
— Moura, Setembro de 1482-Maio de 1483	78
2.3. A perdição de D. Diogo	80
— Sonhos de realeza	80
— Um bastardo misterioso	83
2.4. O novo duque	85
— A tomada do poder	85
— O aprendiz de governante	89
— O duque e a coroa	92
— O governador da Ordem de Cristo	93
— Elvas, 22 de Novembro de 1490	95
2.5. O colapso da descendência de D. Afonso V	98
— Santarém, 19 de Maio de 1491	99
— O herdeiro do trono	100
Capítulo 3 — Do trono português ao sonho ibero-mediterrânico	106
3.1. O novo rei de Portugal	106
— A aclamação	106
— O início do governo	108
— Setúbal, Páscoa de 1496	112
3.2. O primeiro casamento	116
— Os medos de Castela	117
— As negociações de 1496	120
— A expulsão de judeus e mouros	121
— Lisboa, Natal de 1497	126
3.3. Herdeiro de Castela, Aragão, Granada e Sicília	128
— O destino incerto da Península	128
— Saragoça, 24 de Agosto de 1498	130
— O novo herdeiro	134
PARTE II — O REI MANUEL	
Sintra, 1518 — A Sala dos Brasões	142

Capítulo 4 — O segundo fôlego da dinastia de Avis	145
4.1. O controlo da nobreza	145
— Um rei magnânimo	146
— Batalha, 27 de Outubro de 1499	148
— Os duques e o condestável	150
4.2. O despontar do império	153
— O regresso do Gama	154
— O incerto Ocidente	157
— Descobertas e conquistas	166
4.3. Manuel e Maria	167
— O segundo casamento	167
— Lisboa, Dezembro de 1500 — As festas do Natal	170
— Santiago de Compostela, Novembro de 1502	175
Capítulo 5 — Um país que muda	180
5.1. A sedentarização da corte	181
— Itinerários régios	181
— Lisboa, a favorita	184
5.2. O rei centralizador	187
— O príncipe	187
— O controlo da sociedade	189
5.3. O monarca reformador	194
— A administração	194
— As Misericórdias	197
— A Ordem de Cristo	198
— Práticas religiosas	202
5.4. Um soberano omnipresente	203
5.5. Lisboa, 19 de Abril de 1506	206
Capítulo 6 — Um país que se afirma	211
6.1. Um país neutral	213
— O despeito dos rivais	213
— A rejeição das guerras europeias	216
6.2. O domínio do Atlântico	219
— «Mare clausum»	219
— Henrique VII — uma rivalidade adiada	223
6.3. Mais longe que romanos e gregos	225
— Diu, 3 de Fevereiro de 1509	225
— Malaca, Julho de 1511	230
— A aprendizagem da Índia	237
— Roma, 12 de Março de 1514	239

6.4. A conquista de Marrocos	241
— Marráquexe, 23 de Abril de 1515	242
— Mamora, 10 de Agosto de 1515	244
6.5. Os construtores do império	246
— O protagonismo da nobreza	246
— Os estrangeiros	252
6.6. A ideia imperial manuelina	255
— O título	255
— O messianismo	256
— A Grande Cruzada	259
Capítulo 7 — O turbilhão hispânico	262
7.1. A sucessão de Isabel	263
— Um vizinho instável	263
— Joana e Filipe	265
7.2. Uma política de influência	269
— Um candidato discreto à regência de Castela	270
— O rei português e a nobreza castelhana	273
7.3. O rival	279
— A conquista do reino de Fez	279
— A morte de Fernando	283
PARTE III — A REVOLUÇÃO DOS SABERES E DOS SABORES	
Utopias	289
Capítulo 8 — O mundo do rei Manuel	296
8.1. A vontade dos príncipes	297
— A reconfiguração do mapa europeu	297
— A guerra	301
— O inimigo	302
8.2. A inquietação dos crentes	303
— Uma Igreja manietada	304
— Ventos de mudança	307
8.3. O desenvolvimento científico	309
— Novos conhecimentos	309
— Novos horizontes	312
8.4. «Cristianissimi Emanuelis Regis Portugaliae Victoria»	314

Capítulo 9 — Práticas quotidianas	318
9.1. A família real	319
— O rei e a rainha	319
— Uma prole numerosa	324
— Os parentes — honrar os vivos e lembrar os mortos	325
9.2. Uma corte renascentista	328
— Fausto e aparato	329
— O exótico	331
— Lisboa em alvoroço	334
9.3. A revolução da imagem	335
— O brilho do Norte	335
— A produção nacional	337
PARTE IV — SONHOS INACABADOS	
Lisboa, um dia de Outubro de 1521 — No mais alto e próspero estado	344
Capítulo 10 — Poderes reforçados	350
10.1. A conjuntura interna	350
— Penha Longa, 7 de Abril de 1517	350
— Crato, 24 de Novembro de 1518	353
— Coimbra, 25 de Outubro de 1520	357
10.2. A conjuntura externa	359
— Árbitro de Castela	359
— O casamento da infanta	365
— Os rivais do império	367
Capítulo 11 — A roda da fortuna	369
11.1. A <i>Carta das Novas</i>	369
11.2. Lisboa, 13 de Dezembro de 1521	372
Epílogo	375
Anexos	379
Genealogias	415
Bibliografia	429
Índice remissivo	437

Nota introdutória

— O homem e a história

A história é uma ciência humana — uma actividade baseada no método científico, que estuda a evolução do homem no mundo ao longo do tempo. Olhando de longe, se procurarmos compreender esse processo nas suas grandes linhas, é possível estabelecer certas leis e regras; podemos definir quantificações, médias ou normas que explicam os comportamentos gerais das sociedades nas suas relações internas e externas. Relativamente à maioria dos seres humanos que nos antecederam nada mais nos resta senão tentar perceber as épocas em que viveram, sem nunca sabermos os seus nomes, as suas profissões, os seus sonhos ou os seus afectos. A história estruturalista dá-nos, pois, uma base de trabalho segura, na medida em que a quase totalidade dos indivíduos de cada época e de cada sociedade, ontem como hoje, agem segundo certos padrões que os condicionam desde que nascem e as suas acções não ganham notoriedade.

No entanto, todos nós, através das nossas próprias vidas, sabemos que a nossa história individual não é uma simples sequência lógica de acontecimentos. Bem pelo contrário, as nossas decisões, as nossas opções de vida, muitas vezes são marcadas pelos nossos gostos (mesmo que bizarros) ou pela vontade de alcançar ideais, tantas vezes utópicos. Frequentemente, os grandes progressos na evolução da humanidade foram desencadeados por indivíduos que não se acomodaram às regras impostas pelas estruturas sociais, económicas ou tecnológicas que marcavam as suas sociedades; por teimosia, devido a um espírito inventivo ou aventureiro ou por quaisquer outras razões pouco lógicas, lograram pela sua acção arrastar os seus contemporâneos para situações novas que acabaram por transformar o mundo.

Para a época de D. Manuel I, veja-se, por exemplo, casos como os do infante D. Henrique, de Gutemberg, de Cristóvão Colombo, de Fernando, o *Católico*, ou o de Martinho Lutero; o primeiro, um típico príncipe medieval, que pela sua personalidade irrequieta e ambiciosa acabou por desencadear o processo dos Descobrimentos, que tanto contribuiu para o advento da Idade Moderna; Gutemberg, por sua vez, ao criar a imprensa, transformou por completo o panorama cultural da

Europa, precisamente na mesma época em que o Ocidente saía do seu espaço natural e dava os primeiros passos para a globalização dos nossos dias; Colombo, teimoso e visionário, persistiu na sua ambição de atingir a Ásia pelo Ocidente e acabou por arrastar a Espanha para o oceano e por colocar a América na história global, mesmo que acidentalmente. Fernando, quiçá o *príncipe* de Maquiavel, uniu quatro reinos de línguas e até de credos diferentes e teve um papel decisivo no nascimento da Espanha e na sua afirmação como grande potência euro-mediterrânica e mundial; finalmente, Lutero, ao não se conformar com as incoerências da Igreja tardo-medieval, alterou profundamente a história do cristianismo e da própria Europa. Todas estas personagens só podem ser compreendidas à luz das conjunturas em que viveram, mas a verdade é que, cada uma no seu meio social ou profissional, não foram apenas «mais um» — diferenciaram-se e foram motores da história, sendo que os quatro primeiros condicionaram particularmente a vida de D. Manuel I, e que o quinto se questionou face a problemas que também incomodaram o rei e que condicionaram a sua acção governativa.

Muitos outros homens e mulheres se destacaram ao longo do tempo e os seus exemplos de vida interessam sempre, mesmo que não tenham tido repercussões tão profundas na história dos povos como os que citei atrás. Com efeito, cada biografia que se pode compor proporciona um conhecimento mais completo da época em que o indivíduo viveu, ao mesmo tempo que abre pistas sobre muitas outras pessoas não tão visíveis na documentação, mas que influenciaram ou foram influenciadas pela vida do biografado. É o caso, por exemplo, de muitos dos que conviveram com D. Manuel I e cujas vidas são assinaladas com o detalhe apropriado nas páginas que se seguem.

— A biografia — género histórico

A biografia é, pois, uma peça essencial para a boa compreensão da história, na medida em que coloca no centro do estudo o próprio ser humano na sua individualidade, simples e complexa, racional e emotiva. Por tudo isto, creio que a produção de uma biografia é um dos maiores desafios que se pode colocar ao historiador, pois não está em causa apenas um levantamento e um tratamento de dados. Não estamos a contar mortos ou doentes, nem a contabilizar lucros ou prejuízos, nem sequer a enumerar uma sequência de acontecimentos protagonizados por determinado indivíduo; não se trata também, por exemplo, de uma avaliação ou interpretação de textos literários nem do estudo de modelos de comportamento para determinados grupos sociais ou profissionais. Na biografia tentamos compreender um percurso de vida.

Creio, por isso, que cada biografia é um acto único, pois é o fruto de uma relação entre dois indivíduos — o autor e o biografado. Todas as relações entre dois seres humanos são únicas e irrepetíveis, devido à nossa própria individualidade, e a

relação que se estabelece na produção de uma obra deste tipo não escapa a essa regra. É por isso que muitas das biografias que são dadas à estampa roçam o panegírico ou, em casos mais raros, a crítica cega da personagem em apreço. Esses casos extremos são, sem dúvida, o melhor exemplo do modo como a produção deste género historiográfico pode ser especialmente afectada pelas emoções do autor, sobretudo quando ele encara a sua personagem apaixonadamente. Não creio que algum autor seja totalmente imune a esta dinâmica, pois cada acto do biografado leva-o a formar uma opinião sobre o mesmo.

É, pois, a esse jogo arriscado de interpretar uma vida que me submeto nas páginas que se seguem. Fundamento este livro nos factos que consegui apurar pela leitura da documentação e de muitos estudos particulares com referências ao rei e à sua época, mas estou certo de que perante o mesmo conjunto de elementos qualquer colega que tomasse esta empresa nas mãos lhe daria uma forma diferente da que eu compus. Procurei basicamente inventariar os factos relacionados com D. Manuel I e organizá-los coerentemente, tendo em atenção os enquadramentos próprios da sua época, mas ao arrumá-los, ao criar o meu plano de trabalho, acabo por vos apresentar a minha visão da vida de D. Manuel I, fundamentada, repito, num trabalho científico, mas que se alicerça também nas minhas reflexões sobre estes temas e nas minhas interpretações, e, fatalmente, nas minhas opiniões, no meu modo de olhar o mundo e os indivíduos. Pela forma como arrumei os acontecimentos ilumino mais certos aspectos da vida do rei em detrimento de outros, que permanecerão na sombra; outros seguramente focalizariam a sua atenção em pormenores diferentes ou mesmo noutras dinâmicas, a que estariam mais sensíveis ou que lhes interessavam mais. Apesar de tudo, vale a pena enfrentar o desafio, sabendo que não há obras perfeitas, mas que posso contribuir, ainda assim, para um melhor conhecimento de D. Manuel I e da sua época.

O carácter da colecção e o prazo disponível para a redacção deste livro não possibilitaram um trabalho de pesquisa mais desenvolvido e sistemático, pelo que não recorri a documentação manuscrita inédita, salvo em situações pontuais. No entanto, o manancial de colectâneas documentais impressas, aliado aos muitos estudos de grande qualidade realizados nos últimos anos, proporciona-nos uma imagem bastante nítida de D. Manuel I que poderá ser corrigida e, sobretudo, vista mais pormenorizadamente quando mais documentos forem publicados.

Deve-se reconhecer, todavia, que a bibliografia hoje se tornou incontrolável. A produção historiográfica cresceu imenso nas últimas décadas e um investigador isolado não pode ter a veleidade de julgar que conhece toda a produção existente, nomeadamente para temas tão abrangentes e complexos como é a vida de um rei da Europa do Renascimento, que tinha embaixadores ou oficiais a actuar em seu nome em lugares tão distintos como a China, o Sião, a Índia, a Pérsia, a Etiópia, o Congo ou o Brasil. O monarca viveu, de facto, numa época de transição, de mu-